

## Verdade, sentimento e política em Rousseau<sup>1</sup>

*Truth, feeling and politics in Rousseau*

Evaldo Becker\*

**Resumo:** No presente artigo, temos por objetivo, examinar o conceito de “verdade” em Rousseau e as vinculações deste, com os conceitos de virtude, linguagem, sentimento e política. Por se tratar de uma preocupação recorrente, que não o abandona em fase alguma da vida e por permear seus diversos escritos é que nos propomos a investigá-la. Para tanto utilizaremos, principalmente os seguintes textos: *O Discurso sobre as ciências e as artes*, os *Devaneios do caminhante solitário*, o *Emílio* e *As Confissões*.

**Palavras-chave:** Rousseau, verdade, sentimento, política.

**Abstract:** My aim in this article is to explore the concept of “truth” in Rousseau, and its connections with the concepts of virtue, language, feeling and politics. The reason why I embark on this exploration is that it involves a recurrent concern of Rousseau’s, which is not abandoned by him at any point in life and which underlies many of his writings. To that end, I set out to make particular use of the following texts: *Discourse on the Sciences and Arts*, *Revelries of a Solitary Walker*, *Émile* and *The Confessions*.

**Keywords:** Rousseau, truth, feeling, politics

Eu sabia que todo o meu talento só emanava de um certo calor d’alma sobre as matérias de que queria tratar, e só o amor do grande, do belo, da verdade, poderia animar meu gênio.

(ROUSSEAU, *As Confissões*).

No presente artigo, temos por objetivo, examinar o conceito de “verdade” em Rousseau e as vinculações deste com os conceitos de virtude, linguagem, sentimento e política. Ao abrirmos o primeiro livro das célebres *Confissões* nos defrontamos com a

---

<sup>1</sup> Este artigo foi desenvolvido no âmbito do Grupo de Pesquisa Ética e Filosofia Política da Universidade Federal de Sergipe.

pretensiosa frase: “Dou começo a uma empresa de que não há exemplos, e cuja execução não terá imitadores. Quero mostrar aos meus semelhantes um homem em toda a verdade da natureza; e serei eu esse homem”<sup>2</sup>. Essa preocupação de Rousseau em tratar do tema da verdade já vinha de longa data, de quando ainda se auto-atribuía a designação: *Cidadão de Genebra* e se dizia comprometido com a tarefa de “dedicar sua vida à verdade”. Ela não o abandona, mesmo quando ao final de sua existência, afastado da vida em sociedade, dizendo-se “sozinho na Terra”, e tendo apenas a si mesmo como “irmão, próximo, amigo e companhia”; dedica seus últimos momentos, para em seus *Devaneios do caminhante solitário*, pensar ainda o problema da verdade; de sua utilidade em sociedade e mesmo fora dela, para atender às exigências da consciência e da ética.

Por se tratar de uma preocupação recorrente, que não o abandona em fase alguma da vida e por permear seus diversos escritos é que nos propomos a investigá-la. Para tanto utilizaremos, principalmente os seguintes textos: *O Discurso sobre as ciências e as artes*, os *Devaneios do caminhante solitário*, o *Emílio* e *As Confissões*.

No *Discurso sobre as ciências e as artes*, texto publicado em 1750, e que lançou Rousseau como escritor, atribuindo-lhe súbito reconhecimento, o autor já demonstra a tônica de sua preocupação, qual seja, a relevância concedida à questão da verdade e da utilidade da mesma, tendo em vista a felicidade do gênero humano<sup>3</sup>. Ao tratar da questão proposta, Rousseau salienta que a utilização dos conhecimentos e das artes teria contribuído basicamente para aumentar as desigualdades sociais e para mascarar os sentimentos humanos, contribuindo para o engodo e auxiliando assim, na corrupção e no aumento o mal-estar percebido em sociedade. Segundo Rousseau:

Antes que a arte polisse nossas maneiras e ensinasse nossas paixões a falarem a linguagem apurada, nossos costumes eram rústicos, mas naturais, e a diferença dos procedimentos denunciava, à primeira vista, a dos caracteres. No fundo, a natureza humana não era melhor, mas os homens encontravam sua segurança na facilidade para se penetrarem

---

\* Professor de Ética e Filosofia Política da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Aracaju, SE, Brasil. Contato: [evaldobecker@gmail.com](mailto:evaldobecker@gmail.com)

<sup>2</sup> ROUSSEAU, *As Confissões*, I, p. 7.

<sup>3</sup> No prefácio ao *Primeiro Discurso* Rousseau escreve acerca da questão proposta pela Academia de Dijon, sobre se o restabelecimento das ciências e das artes teria contribuído para aprimorar os costumes, que esta era uma “das maiores e mais belas questões jamais agitadas” e que longe de ser uma “sutileza metafísica” tal como as que haviam dominado a literatura, tratava-se de uma “daquelas verdades que importam à felicidade do gênero humano” (ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre as Ciências e as Artes*, p.188).

reciprocamente, essa vantagem, de cujo valor não temos mais noção, poupava-lhes muitos vícios.<sup>4</sup>

A linguagem, que segundo o autor, surge em função das paixões morais e da necessidade de compartilhar os sentimentos, vai ao longo do tempo, ganhando em clareza e perdendo em transparência<sup>5</sup>. É a dificuldade em perceber a intenção que existe por detrás dos discursos ou o verdadeiro sentimento que se esconde por detrás do cumprimento feito conforme as regras de polidez, que Rousseau denuncia como sendo uma das principais causas que contribuíram para afastar os homens uns dos outros e de si mesmos; fazendo com que optem por parecer o que melhor lhes convém, disfarçando seus verdadeiros sentimentos e intenções. Tais dificuldades que nasceram com o convívio social foram se tornando cada vez maiores e mais presentes em todos os âmbitos da sociedade, desde as relações pessoais até as relações políticas. A crítica às ciências e às artes, bem como aos costumes estabelecidos, geraram inúmeras acusações e escritos contra o autor e sua obra. Na *Carta ao Sr. Padre Raynal*, escrita em resposta a um destes escritos, Rousseau escreve:

Sei de antemão, quais as palavras grandiosas com que serei atacado: luzes, conhecimentos, leis, moral, razão, decoro, consideração, doçura, polidez, educação etc. A tudo isso só responderei com duas outras palavras que soam ainda mais fortes ao meu ouvido: Virtude! Verdade! Gritarei sem cessar: Verdade! Virtude! Se alguém nelas só perceber palavras, nada mais tenho a dizer-lhe.<sup>6</sup>

A questão da verdade está diretamente relacionada ao discurso, bem como à atitude política exercida em sociedade. Segundo o genebrino, na sociedade da época não se ousava mais parecer tal como se era, e “sob tal coação perpétua, os homens que formam o rebanho chamado sociedade, nas mesmas circunstâncias, farão todos as mesmas coisas desde que motivos mais poderosos não os desviem. Nunca se saberá, pois, com quem se trata [...]”.<sup>7</sup> Rousseau critica veementemente essa submissão à opinião, essa falta de autenticidade. Após a premiação do *Primeiro Discurso*, segundo seu próprio relato nas *Confissões*, ele é tomado de um “surto de virtude”. Então, para que suas atitudes coincidisse com suas

---

<sup>4</sup> ROUSSEAU, *Discurso sobre as Ciências e as Artes*, p. 191.

<sup>5</sup> Starobinski, em *A Transparência e o Obstáculo*, trata amplamente da questão das aparências na obra de Rousseau, e dos malefícios oriundos destas. Já no primeiro capítulo, lemos: “o parecer e o mal são uma e mesma coisa” (p.16).

<sup>6</sup> ROUSSEAU, *Carta ao Sr. Padre Raynal*, p. 229.

ideias, para que não fossem meras palavras ou máximas impraticáveis; e para se manter livre para dizer a verdade, Rousseau recusa uma pensão do rei, que lhe foi ofertada após a execução de sua ópera na corte de Luís XIV. Sobre esse episódio peculiar escreve Rousseau:

é verdade que eu perdia a pensão que de algum modo me haviam oferecido, mas também me isentava do jugo que ela me imporá. Adeus liberdade, verdade, coragem. Como ousar falar em independência e desinteresse? Teria que me lamentar ao falar, ou calar-me, se recebesse essa pensão.<sup>8</sup>

Rousseau pretende se distinguir aqui dos filósofos que, segundo ele, tudo fazem para despojar os povos de seus direitos e para bajular os poderosos. Ele não quer se igualar a estes “sofistas pagos” ou “penas servis”, nem tampouco, aos “rabiscadores de papel”, que só querem agradar à multidão. Em seu entender, “nada de vigoroso, nada de grande pode partir de uma pena venal” e para “poder ousar dizer grandes verdades, é preciso não depender do seu lucro”.<sup>9</sup>

A crítica rousseuniana à sociedade da época que valorizava mais o parecer do que o ser, crítica à sociedade que, segundo ele, se contentava com belos discursos, mesmo que estes não coincidissem com belas ações; crítica à bajulação<sup>10</sup> feita na esperança de obter favores, leva Rousseau a tomar atitudes que acabam por forçar querelas com seus companheiros da *Encyclopédie*. Tal fato é relatado nas *Confissões*, onde o autor afirma que foi menos sua celebridade literária que sua “reforma pessoal” que lhes atraiu inveja. Eles teriam talvez lhe perdoado brilhar na arte de escrever, “mas não me puderam perdoar que eu desse por minha conduta um exemplo que parecia importuná-los”.<sup>11</sup> Gilda Naécia, em seu livro: *Platão, Rousseau e o Estado Total* escreve:

Rousseau, político moralista, voltado para o lado prático das coisas, interessa-se pelas questões teóricas enquanto transmutáveis em regras de ação. Na verdade, sua ruptura com a ilustração prende-se menos a uma rejeição da razão e mais a uma crítica à postura dos filósofos das luzes em

---

<sup>7</sup> ROUSSEAU, *Discurso sobre as Ciências e as Artes*, p.192.

<sup>8</sup> ROUSSEAU, *As Confissões*, III, p. 51.

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 84.

<sup>10</sup> Na nota “i” do *Segundo Discurso*, Rousseau já indicava que os cidadãos deveriam animar o “zelo dos chefes dignos, mostrando-lhes sem temor e sem adulação a grandeza de sua missão e o rigor de seu dever” (*Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, p.137).

<sup>11</sup> ROUSSEAU, *As Confissões*, III, p. 25.

relação a ela. Rousseau é contrário à redução do homem à racionalidade pura e dá um grande valor ao sentimento.<sup>12</sup>

No livro IV do *Emílio* Rousseau afirma que um dos erros de sua época é o de “sempre empregar a razão sozinha demais, como se os homens fossem apenas espírito. [...] Querendo dar tudo ao raciocínio, reduzimos a palavras nossos preceitos; nada pusemos nas ações”.<sup>13</sup> As línguas já não expressam o verdadeiro sentimento, possibilitando a distinção entre o discurso e o sentimento que se esconde. Ocorre a cisão entre a fala ou o convencimento, e a ação por detrás do discurso. Achando-se a linguagem e o homem corrompidos, é preciso então, estabelecer novos critérios para perceber a verdade e poder agir em sociedade. No *Emílio* Rousseau escreve: “para conhecer os homens, é preciso vê-los agir. No mundo, ouvimo-los falar; eles mostram seus discursos e escondem suas ações”.<sup>14</sup>

No momento em que a verdade se afasta do discurso ou melhor dizendo, no momento em que o discurso dissimula a verdade, o critério para a percepção desta, é a própria ação pública, no sentido de que esta não desminta o que a palavra afirma. Acerca dessa unidade entre palavra e ação, Rousseau afirma que: “Para ser alguma coisa, para ser si mesmo e sempre uno, é preciso agir como se fala”.<sup>15</sup>

Ou seja, no momento em que a palavra já não corresponde ao sentimento, no momento em que verdade e discurso não coincidem, torna-se necessária a perspicácia para que se perceba nas ações o que se disfarçou pela eloquência. Rousseau sugere por vezes que se atribua maior papel à inflexão e ao sentimento presentes na linguagem; essas qualidades do discurso poderiam se constituir enquanto indicativos do sentimento e da verdade, coisa que a lógica por si só não possibilitaria.<sup>16</sup>

A questão do sentimento e do discurso não é preocupação simplesmente teórica, ou como ele mesmo diria: “uma sutileza metafísica”. Em suas *Confissões* Rousseau relata o

---

<sup>12</sup> BARROS, Gilda Naécia Maciel de. *Platão, Rousseau e o Estado Total*, p. 154.

<sup>13</sup> ROUSSEAU, *Emílio*, p. 440.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 312.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 12.

<sup>16</sup> No *Emílio*, Rousseau escreve acerca deste caráter passional do discurso: “Sendo a primeira lei do discurso a de se fazer ouvir, o maior erro que se possa cometer é falar sem ser ouvido. Vangloriar-se de não ter inflexão é vangloriar-se de tirar a graça e a energia da frase. A inflexão é a alma do discurso, dá-lhe o sentimento e a verdade. A inflexão mente menos do que a palavra; talvez por isso, seja tão temida pelas pessoas bem educadas” (*Ibid.*, p. 61).

trecho de uma carta enviada à Mme. De Verdelin, onde escreve: “se algumas vezes minhas expressões são equívocas, eu me esforço para que minha conduta lhes determine o sentido”.<sup>17</sup>

Seu desagrado em relação à sociedade da época, bem como sua recusa em se sujeitar aos modismos e costumes; aliado a um temperamento por vezes hostil e misantropo, levam Rousseau a isolar-se do convívio dos salões e a recolher-se para se dedicar a “fazer uma obra única, de uma veracidade sem exemplo, a fim de que, pelo menos uma vez, se pudesse ver um homem tal como ele é interiormente”.<sup>18</sup> No entanto, essa obra na qual Rousseau visava desnudar-se e dar-se a conhecer completamente, em toda a transparência e autenticidade possível, parece não ter atingido em todo o alcance possível, o objetivo almejado. Também em função da acolhida negativa que teve a mesma, Rousseau resolve empreender novos esforços, a fim de que se não a sua geração, ao menos alguma geração vindoura pudesse ter uma visão mais completa e veraz de sua personalidade e de suas intenções.<sup>19</sup> Tal é precisamente a intenção que o motiva a escrever seus *Diálogos*. Finalmente, um último esforço empreendido por Rousseau à guisa de elucidação e reflexão acerca da questão da “verdade” é realizado em seus *Devaneios*, principalmente na 4<sup>o</sup> *Caminhada*.

Após todas as querelas com os companheiros da *Encyclopédie*,<sup>20</sup> após as perseguições sofridas em função do *Contrato Social*, e do *Emílio*, após ter-se afastado do convívio dos “Salões”, e depois de ter abandonado a intenção de esclarecer seus contemporâneos, Rousseau escreve na 1<sup>o</sup> *Caminhada*:

Eis-me, portanto, sozinho na Terra, tendo apenas a mim mesmo como irmão, próximo, amigo, companhia. O mais sociável e o mais afetuoso dos

<sup>17</sup> ROUSSEAU, *Confissões*, III, p. 271.

<sup>18</sup> *Ibid.*, III, p. 251.

<sup>19</sup> Sobre esta questão Rousseau escreve nos *Devaneios*: “contava ainda com o futuro e esperava que uma geração melhor, examinando com maior cuidado seus julgamentos sobre minha pessoa e seu procedimento para comigo, viesse esclarecer facilmente a fraude dos que a dirigem e me visse finalmente como sou. Foi essa esperança que me fez escrever meus Diálogos e que me sugeriu mil loucas tentativas para os fazer chegar a posteridade” (ROUSSEAU, *Devaneios do caminhante solitário*, p. 25).

<sup>20</sup> Sobre a relação e Rousseau e Diderot indicamos aqui o artigo “A Interlocução entre os ‘irmãos inimigos’ Diderot e Rousseau”, de Ricardo Monteagudo, publicado na coletânea intitulada *Varições Filosóficas: entre a Ética e a Política*. Organizada por A.C. Santos e Publicada pela UFS no ano de 2004. Já no que se refere à relação de Rousseau com os membros da *Encyclopédie* remetemos ao livro de René HUBERT. *Rousseau et l'Encyclopédie: essai sur la formation des idées politiques de Rousseau (1742-1756)*. Paris, Librairie Universitaire J. Gamber editeur, 1928.

humanos dela foi proscrito por um acordo unânime. [...] Teria amado os homens a despeito deles próprios. [...] Ei-los, portanto, estranhos, desconhecidos, inexistentes, enfim, para mim, visto que o quiseram.<sup>21</sup>

Teria sido o respeito à divisa escolhida de “dedicar sua vida a verdade”, e de pôr em prática os preceitos morais por ele defendidos que motivaram seu exílio do convívio social<sup>22</sup>. No entanto, sua atitude agora é outra, já não se trata de reformar políticas, propor modificações nas instituições ou escrever libelos de repúdio a atitudes que, segundo ele, poderiam corromper os costumes e a vida política de certos povos, como ocorre, por exemplo, na *Carta à D’Alembert*. Sua preocupação agora situa-se em outro âmbito; ele tem em vista uma reforma ou um exame pessoal e particular. Mesmo sentindo-se afastado da sociedade (apesar de estar morando em Paris),<sup>23</sup> Rousseau preocupa-se com o problema da “verdade” enquanto questão ética relacionada à consciência e a “seu instinto moral”.<sup>24</sup> É nesse sentido que ele escreve na primeira *Caminhada*, datada de 1776:

Não devo nem quero mais ocupar-me senão comigo mesmo. É nesse estado que retomo a continuação do exame sincero que outrora chamei minhas confissões. Consagro meus últimos dias a estudar-me a mim mesmo e a preparar de antemão as contas que não tardarei a dar de mim mesmo.<sup>25</sup>

Rousseau passa então a inventariar suas atitudes ao longo da vida, e refletindo acerca da divisa que escolhera, “de dedicar sua vida à verdade”, percebe que apesar de sua intenção, muitos fatos não condiziam com seu propósito. Nosso autor percebe que por várias vezes deixou de dizer a verdade ou que seus projetos não haviam se realizado conforme sua intenção inicial, dando margem à mal-entendidos. Na 4<sup>o</sup> *Caminhada*, que é motivada pelas reflexões acerca de Plutarco e principalmente do tratado *Como tirar*

---

<sup>21</sup> ROUSSEAU, *Devaneios do caminhante solitário*, p. 23.

<sup>22</sup> “Rousseau escrevera em 1758 em sua correspondência: ‘*vitam impendere vero* (dedicar minha vida à verdade), eis a divisa que escolhi e da qual me sinto digno’. Tal divisa lhe foi inspirada por Juvenal (*Sátiras*, IV, 9)”, nota de Fúlvia Maria Luiza Moretto, extraída da tradução brasileira dos *Devaneios* de Rousseau, p.55.

<sup>23</sup> Cf. o verbete *Rêveries du promeneur solitaire*, de autoria de A. Tripet: “Rousseau escreve os *Devaneios* em Paris entre os anos de 1776 e 1778, pouco antes de se mudar para Ermenonville, onde morrerá no dia 2 de julho de 1778” (Verbetes disponíveis em TROUSSON, R. & EIGELDINGER, F. *Dictionnaire de Jean Jacques Rousseau*, p. 807).

<sup>24</sup> Rousseau escreve nos *Devaneios*: “em todas as questões de moral difíceis [...] sempre consegui resolvê-las antes pelo ditame de minha consciência que pelas luzes de minha razão. O instinto moral nunca me enganou...” (ROUSSEAU, *Devaneios do caminhante solitário* p. 58).

<sup>25</sup> *Ibid.*, p. 26.

*proveito de seus inimigos;* devido a um escrito do Abade Rosier que havia sugerido que Rousseau não fazia jus a seus discursos, o genebrino escreve:

Quando escolhi minha divisa, sentia-me feito para merecê-la e não duvidava de que dela não fosse digno, quando, diante das palavras do padre Rosier, comecei a examinar-me mais seriamente. Então, investigando-me com maior cuidado, fiquei muito surpreso com o número de coisas inventadas, que me lembrava de ter dito como verdadeiras, enquanto, intimamente orgulhoso de meu amor pela verdade, sacrificava-lhe minha segurança, meus interesses, minha pessoa, com uma imparcialidade de que não conheço nenhum outro exemplo entre os humanos. O que mais me surpreendeu foi o fato de que, lembrando-me dessas coisas enganadoras, não sentia nenhum verdadeiro arrependimento. Eu, cujo horror pela falsidade nada tem no meu coração algo que se lhe assemelhe.<sup>26</sup>

Rousseau percebe, conforme ele mesmo afirma na página anterior à da passagem citada acima, que o “conhece-te a ti mesmo”, não é uma tarefa tão fácil de ser aplicada como julgara nas *Confissões*. Mas mesmo percebendo que por várias vezes havia faltado com a verdade, ele não se mostra arrependido e isso se dá em função do que será exposto na sequência da *Caminhada*. Rousseau menciona a lembrança de um livro onde lera que: “mentir é esconder uma verdade que deve ser manifestada” e, nesse sentido, a conclusão extraída por ele é que “calar uma verdade que não se é obrigado a dizer não é mentir”. Ele apresenta então algumas distinções entre “verdades” que seríamos obrigados a expor e as que não diriam respeito ao bem público e que, conseqüentemente, poderíamos nos isentar de apresentá-las. Segundo ele, as “verdades que não possuem nenhuma espécie de utilidade na instrução nem na prática” não poderiam ser um bem devido aos demais, haja vista que não são sequer um bem. Uma “verdade” que não possui nenhuma utilidade em relação aos demais, não mereceria ser levada a sério. Rousseau afirma na sequência do argumento que:

[...] a verdade devida é a que interessa à justiça, e aplicar a palavra verdade às coisas vãs cuja existência é indiferente a todos e cujo conhecimento é inútil a tudo significa profanar essa verdade sagrada. A verdade despojada de qualquer espécie de utilidade, mesmo possível, não pode [...] ser uma coisa devida e, por conseguinte, aquele que a cala ou mascara não mente.<sup>27</sup>

---

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. 56.

<sup>27</sup> *Ibid.*, p. 57.



Rousseau estabelece uma diferença entre o que chama de mentira e o que poderíamos chamar de ficção. Segundo ele, “mentir sem proveito nem prejuízo para si nem para outrem [...] não é mentira, é ficção”.<sup>28</sup> Além disso, a ficção ou a fábula tem por função apenas “envolver verdades úteis sob formas claras e agradáveis”. A distinção estabelecida por Rousseau entre o que ele considera mentira e o que considera como sendo apenas fábula ou ficção tem como critério a justiça e a utilidade pública. O limite exato, segundo Rousseau, está no seguinte: “tudo o que sendo contrário à verdade, e não interessa de maneira nenhuma à justiça, é apenas ficção”, e afirma ele: “quem quer que reprove a si mesmo uma pura ficção, como se fosse uma mentira, tem a consciência mais delicada do que eu”.<sup>29</sup>

Rousseau critica ainda aqueles que em sociedade se pretendem sinceros, mas sua sinceridade só se refere a banalidades e a eventos que não lhes dizem respeito;<sup>30</sup> mas que em questões nas quais seu interesse está envolvido, toda sua dedicação em precisar os fatos e as circunstâncias desaparece em prol do benefício próprio. Nesse sentido, afirma ele:

A diferença [...] que há entre o meu homem sincero e o outro é que o homem da sociedade é rigorosamente fiel a toda verdade que não lhe custa nada, mas não vai além, enquanto o meu nunca a serve tão fielmente como quando é preciso imolar-se por ela.<sup>31</sup>

Nesse sentido, lembramos aqui as palavras de Bento Prado Jr. que ao final do artigo intitulado *Não dizer a verdade equivale a mentir?* afirma que “não é a verdade que importa, mas a maneira de dizer e seus efeitos. Não é o que você diz que importa, mas o que você

---

<sup>28</sup> *Ibid.*, p. 59. Rousseau ressalta que para o “seu homem verdadeiro”, “justiça e verdade” são duas palavras sinônimas. Bento Prado Junior em um artigo intitulado *Não dizer a verdade equivale a mentir*, comenta sobre esta passagem, que o conceito de veracidade utilizado por Rousseau é mais exigente do que o de Aristóteles, por exemplo, que chegava a tolerar certas formas de “jactância” e afirma ainda que “pouco importa se o texto é apologético e se o ‘homem verdadeiro’ de Rousseau é o próprio Jean-Jacques” (PRADO Jr, 2008, 367).

<sup>29</sup> ROUSSEAU, *Devaneios do caminhante solitário*, p. 60.

<sup>30</sup> Nos *Devaneios* Rousseau escreve: “Vi esse tipo de pessoas que em sociedade chamamos sinceras. Toda sua sinceridade se esgota em conversas inúteis, para citar fielmente os lugares, as datas, as pessoas, em não se permitir nenhuma ficção, em não alterar nenhuma circunstância, em nada exagerar. Em tudo o que não toca seu interesse, são, em suas narrações, da mais inviolável fidelidade. Mas, se for preciso tratar de algum assunto que lhes diga respeito, de narrar algum fato que as toque de perto, todos os artificios são empregados para apresentar as coisas sob a aparência que lhes for mais vantajosa e, se a mentira lhes for útil, e elas mesmas se absterem de dizê-la, favorecem-na com habilidade e agem de maneira que venha à baila, sem que lho possam imputar. Assim o quer a prudência: adeus à sinceridade”. (*Ibid.*, p.60.)

<sup>31</sup> *Ibid.*, p. 61.

faz com o que você diz”.<sup>32</sup> No entanto, apesar de não reprovar as pequenas inverdades ou ficções que não dizem respeito à justiça e que não prejudicam ninguém, e nesse sentido, justificar perante o público muitas das “ficções”<sup>33</sup> que afirmava ter dito, e em função das quais teria dado margem aos ataques sofridos, – que nesse caso, se aceitarmos seu argumento, teriam sido injustos, pois suas ficções de forma alguma poderiam ser consideradas mentiras – Rousseau, entretanto, realiza ainda um último movimento no argumento exposto na quarta *Caminhada*.

Apesar de não ferirem a virtude ou se configurarem enquanto injustiças praticadas contra seus concidadãos, tais ficções, narradas no intuito de agradar aos ouvintes nas “rodinhas dos Salões”, não poderiam condizer com a divisa que escolhera. Além do que, essas ficções ditas no intuito de agradar ao público poderiam se configurar enquanto submissão ao jugo da opinião, traindo a fidelidade devida a si mesmo. Rousseau se pergunta se nesse cuidado em perceber o que devia aos outros não teria deixado de examinar o que devia a si mesmo. A resposta a tal questão é expressa da seguinte maneira:

Se é preciso ser justo para com os outros, é preciso ser sincero para consigo mesmo, é uma homenagem que o homem de bem deve prestar à sua própria dignidade. Quando a esterilidade de minha conversa me obrigava a supri-la com inocentes ficções; agia mal porque, para divertir os outros não se deve aviltar a si mesmo.<sup>34</sup>

A necessidade da verdade auto imposta torna-se para Rousseau uma exigência ética que tem por juiz a consciência. Mesmo que não tivesse prejudicado seus concidadãos, ainda assim, as “ficções ditas”, não poderiam condizer com o respeito devido a si próprio, e principalmente à divisa escolhida. A esse respeito, escreve o seguinte:

Essa divisa me obrigava, mais do que a qualquer outro homem, a uma profissão mais rigorosa da verdade, e não bastava sacrificar-lhe, em qualquer ocasião, meu interesse e meus gostos, teria sido necessário sacrificar-lhe também minha fraqueza e meu natural tímido. [...] nunca a

---

<sup>32</sup> PRADO JR, *Não dizer a verdade equivale a mentir?*, p. 374.

<sup>33</sup> Rousseau afirma na quarta *Caminhada*: “Frequentemente, contei muitas fábulas, mas muito raramente menti. Seguindo esses princípios, dei aos outros muitas oportunidades de me atacarem, mas não prejudiquei quem quer que fosse e não atribuí a mim mesmo maior vantagem do que me era devida. É unicamente por essa razão, parece-me, que a verdade é uma virtude. Em qualquer outro sentido, ela não é para nós senão um ser metafísico, de que não resulta nem bem nem mal” (ROUSSEAU, *Devaneios do caminhante solitário* p. 66).

<sup>34</sup> *Ibid.*, p. 66.

falsidade ditou minhas mentiras, todas vieram da fraqueza, mas esse fato me desculpa muito mal. Com uma alma fraca podemos, no máximo, nos defender contra o vício, mas ousar professar grandes virtudes significa ser arrogante e temerário.<sup>35</sup>

A questão da “verdade” em Rousseau, dá margem a duas possibilidades, sendo que ambas acabaram por se efetivar em sua vida. Uma delas é a não submissão ao jugo da opinião e a conseqüente adoção de uma postura crítica em relação aos costumes vigentes.<sup>36</sup> Esse afã de verdade e de autenticidade acaba por se transformar, durante boa parte de sua vida, em uma postura crítica e belicosa, expressa através de anátemas e controvérsias que geraram as querelas e a solidão provinda do afastamento e do exílio. Por outro lado, a exigência de verdade acaba tendo como resultado a solidão da *rêverie* (devaneio). Segundo Michel Delon: “A *rêverie* e o anátema são duas manifestações extremas da solidão de Rousseau”.<sup>37</sup>

Rousseau, ao final da vida, afastado das querelas, mas também do convívio social, dedica seus pensamentos e suas preocupações para ainda tematizar a questão da verdade e a tentar alcançá-la. Ao final do *Quarto devaneio*, escrito entre a primavera e o verão de 1777, bastante próximo de sua morte, e após ter reconhecido que por várias vezes faltou com a verdade, ou com o respeito a si próprio; como quando, as expensas de si mesmo, queria agradecer os demais, Rousseau escreve:

[...] a máxima de Sólon é aplicável a todas as épocas e nunca é tarde demais para aprender, mesmo com seus inimigos, a ser sensato, sincero, modesto e a menos presumir de si mesmo.<sup>38</sup>

---

<sup>35</sup> *Ibid.*, p.67.

<sup>36</sup> Em função dessa visão negativa dos efeitos da opinião é que Rousseau priorizará na educação de Emílio, a educação natural, seguindo os moldes do homem natural e não do homem civil imerso em preconceitos e que se deixa arrastar pelas vagas incertas da opinião. Nesse sentido, escreve Milton Meira: “Emílio será preservado, sua educação consistirá exatamente em não ceder em nada à opinião. Só assim conseguirá obter um grau de discernimento que lhe permita perceber e julgar a verdade e sua aparência. Não se importará com o julgamento do público, mas só obedecerá ao que lhe ditar a natureza. Neste sentido, a boa educação consiste num certo distanciamento da opinião pública, porque o julgamento que a rege não é o da verdade, mas o da aparência” (NASCIMENTO, Milton Meira do. *Opinião pública e revolução: aspectos do discurso político na França revolucionária*, p. 49).

<sup>37</sup> DELON, M. *Histoire de la Littérature Française*, p. 324.

<sup>38</sup> ROUSSEAU, *Devaneios do caminhante solitário*, p. 67.

## Referências Bibliográficas

BARROS, Gilda Naécia Maciel de. *Platão, Rousseau e o Estado Total*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1995.

DELON, Michel. *Histoire de la Littérature Française: De L'encyclopédie aux Méditations*. Paris. GF Flammarion, 1998.

HUBERT, René. *Rousseau et l'Encyclopédie: essai sur la formation des idées politiques de Rousseau (1742-1756)*. Paris, Librairie Universitaire J. Gamber editeur, 1928.

MONTEAGUDO, Ricardo. A Interlocação entre os “irmãos inimigos” Diderot e Rousseau. In: SANTOS, Antônio Carlos dos (Orgs). *Variações Filosóficas: entre a Ética e a Política*. São Cristóvão, Editora da UFS, 2004.

NASCIMENTO, Milton Meira do. *Opinião pública e revolução: aspectos do discurso político na França revolucionária*. São Paulo: Nova Estella e Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

PLUTARCO. *Como tirar proveito de seus inimigos*. Prefácio e notas de Pierre Maréchaux. Tradução de Isis Borges da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

PRADO JR. Bento. Não dizer a verdade equivale a mentir? In: *A Retórica de Rousseau*. São Paulo: COSACNAIF, 2008.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Carta ao Sr. Padre Raynal*. Col. Os Pensadores. Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1997.

\_\_\_\_\_. *As Confissões*. Tradução de Raquel de Queiroz. Rio de Janeiro: Athena Editora, 3 vols. 1926.

\_\_\_\_\_. *Devaneios do caminhante solitário*. Tradução de Fúlvia Maria Luiza Moretto. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 3º ed., 1995.

\_\_\_\_\_. *Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens*. Tradução de Iracema Gomes Soares e Maria Cristina Roveri Nagle. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. *Discurso sobre as Ciências e as Artes*. Col. Os Pensadores. Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1997.

\_\_\_\_\_. *Emílio: ou da educação*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes; 1999.

\_\_\_\_\_. *Œuvres complètes*, Tomos I, II, III, IV e V, Paris: Éditions Gallimard, 1964-1995.

STAROBINSKI, Jean. *A transparência e o obstáculo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

TROUSSON, Raymond & HEIGELDINGER, Frédéric (Orgs). *Dictionnaire de Jean-Jacques Rousseau*. Paris: Honoré Champion, 2006.

Recebido em: 18/10/2017 – *Received in: 10/18/2017*

Aprovado em: 15/12/2017 – *Approved in: 12/15/2017*